



ENSAIO ABERTO

•

No início, era o verbo e o verbo se fez carne.

O ponto?

Não sei se a carne era o verbo,
ou se o verbo era a carne,
mas se fez no verbo e na carne.

Na carne, o corpo.
No corpo, o sangue.
No sangue, o anzol.
No anzol, o silêncio.

Fragmentos aquiescem em polvorosa.

E movimento, movimento, movimento.

Era o nada e o nada se fez ponto.

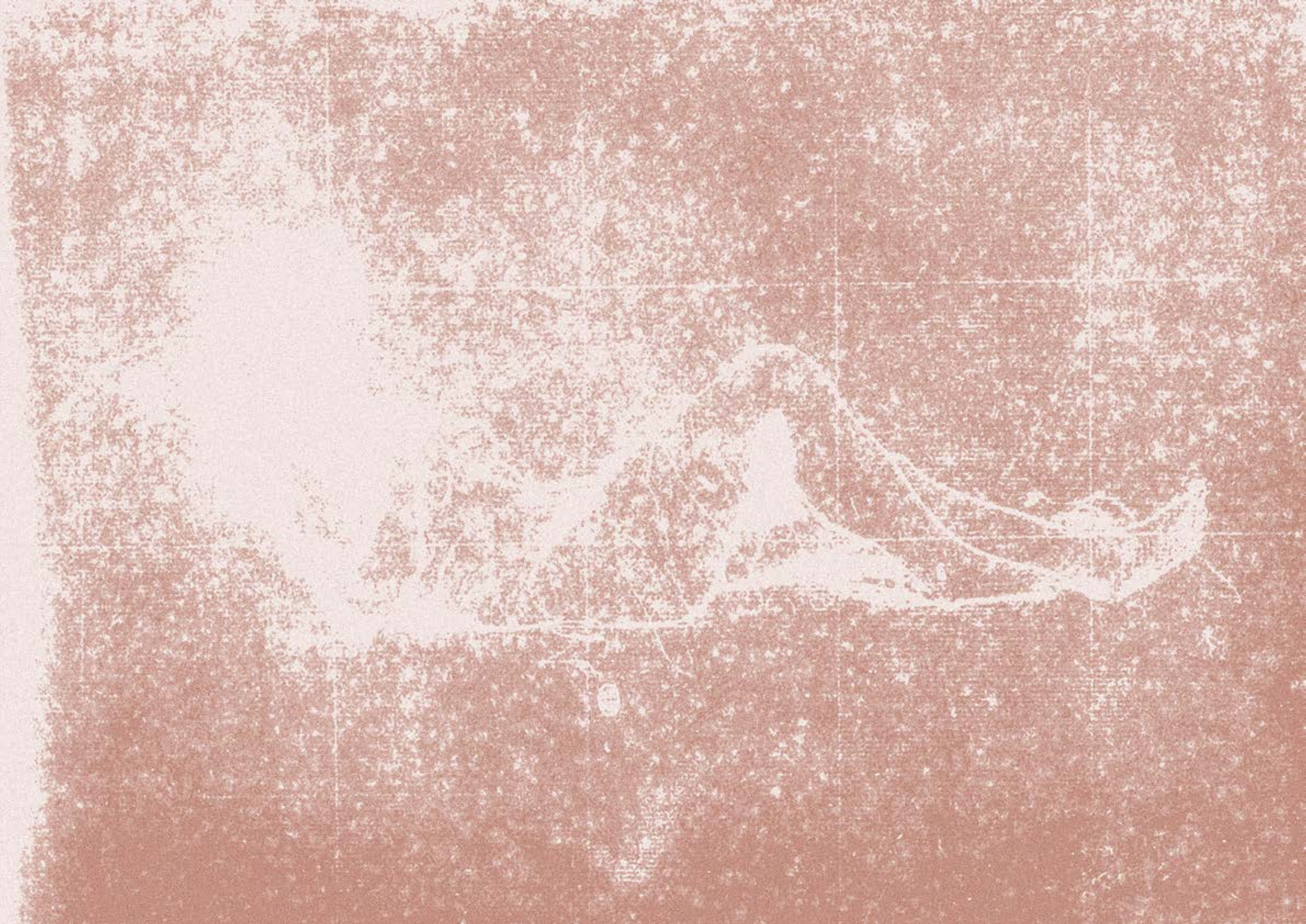
JÁ ESTAVA
QUANDO
VIMOS
AÍ
CHEGUEI
AQUI

Os olhos

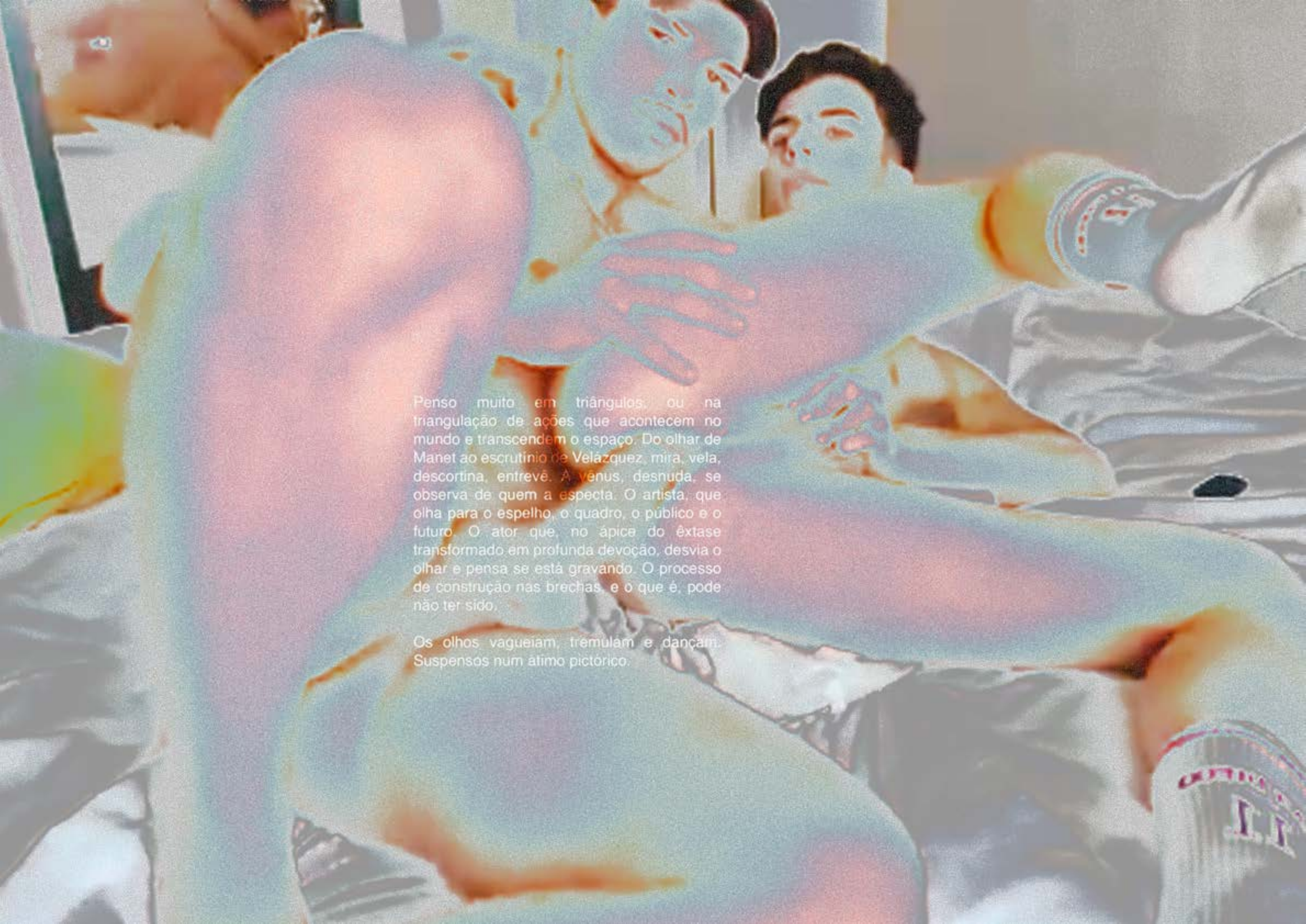
do lobo oblíquo, da cigana dissimulada, de Manet e Olympia. De séculos e mais séculos de história e arte, em retratos, fotografias, reflexos em espelhos e lagos. Na poça d'água do castelo, no silêncio do Anhangabaú.

Se o outro me vê, enxergo-o na mesma medida? Como mensurar o tamanho do mundo? Em mim, ao Sul, em outro? Ao ver, vacilo em dúvidas e ansiedade. Se me encara, olho para o olho? A sobrancelha? Deveria pensar? Já me esqueci. Não sei exatamente onde ir, pensar, ser, ver. Não sei dizer se alguma vez soube contemplar (vivo ou morto). O outro, nunca conhecido, sempre outro. A arte não como contemplação, mas como enfrentamento?









Penso muito em triângulos, ou na triangulação de ações que acontecem no mundo e transcendem o espaço. Do olhar de Manet ao escrutínio de Velázquez, mira, vela, descortina, entrevê. A vênus, desnuda, se observa de quem a especta. O artista, que olha para o espelho, o quadro, o público e o futuro. O ator que, no ápice do êxtase transformado em profunda devoção, desvia o olhar e pensa se está gravando. O processo de construção nas brechas e o que é, pode não ter sido.

Os olhos vagueiam, tremulam e dançam. Suspensos num atimo pictórico.

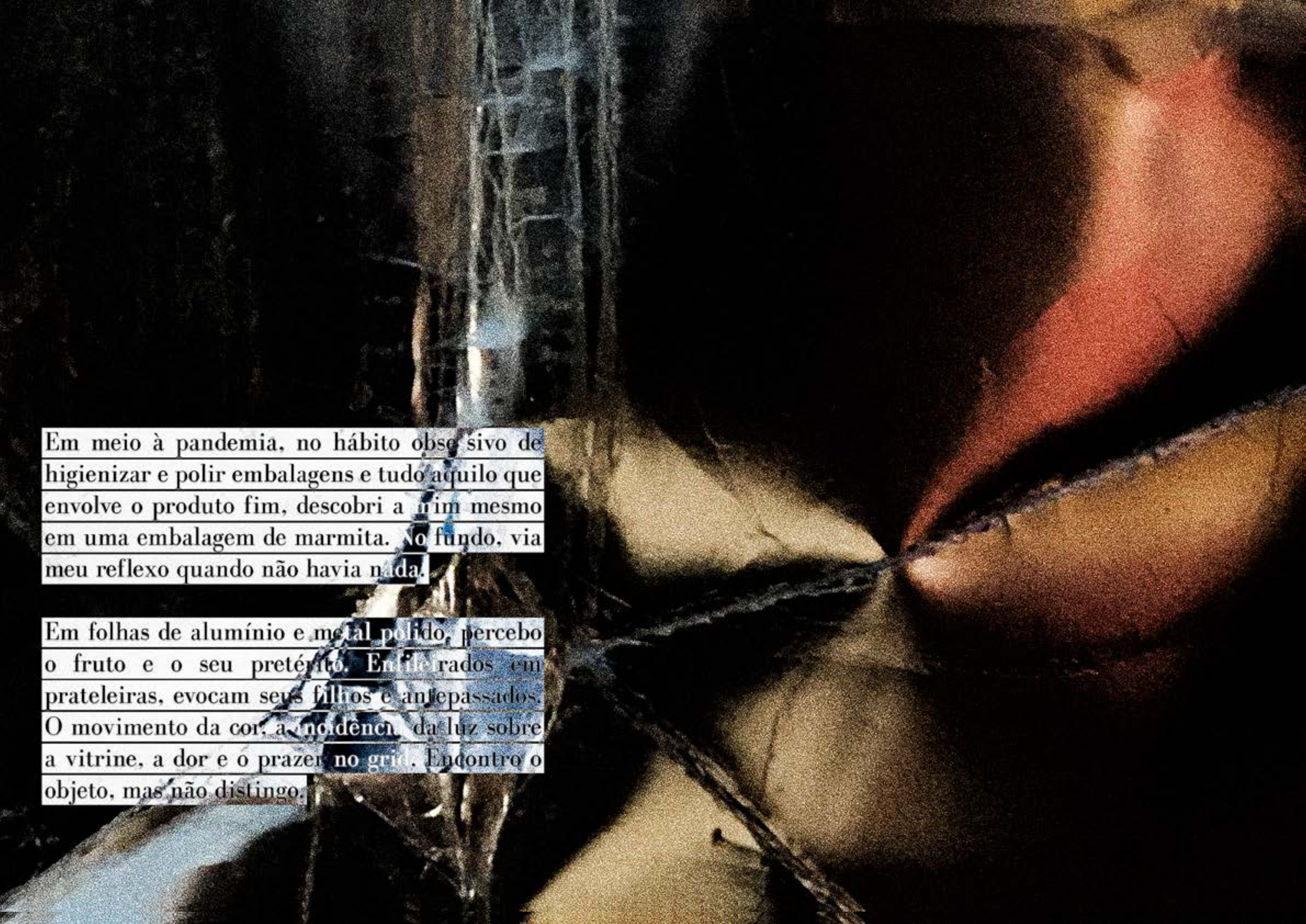


Se olho através da câmera, sou visto e me vê. Se vê através da câmera, é visto e o vejo. O corpo, o sujeito, o espírito e o espaço. Daí a minha surpresa quando ansiei por uma câmera de vigilância.



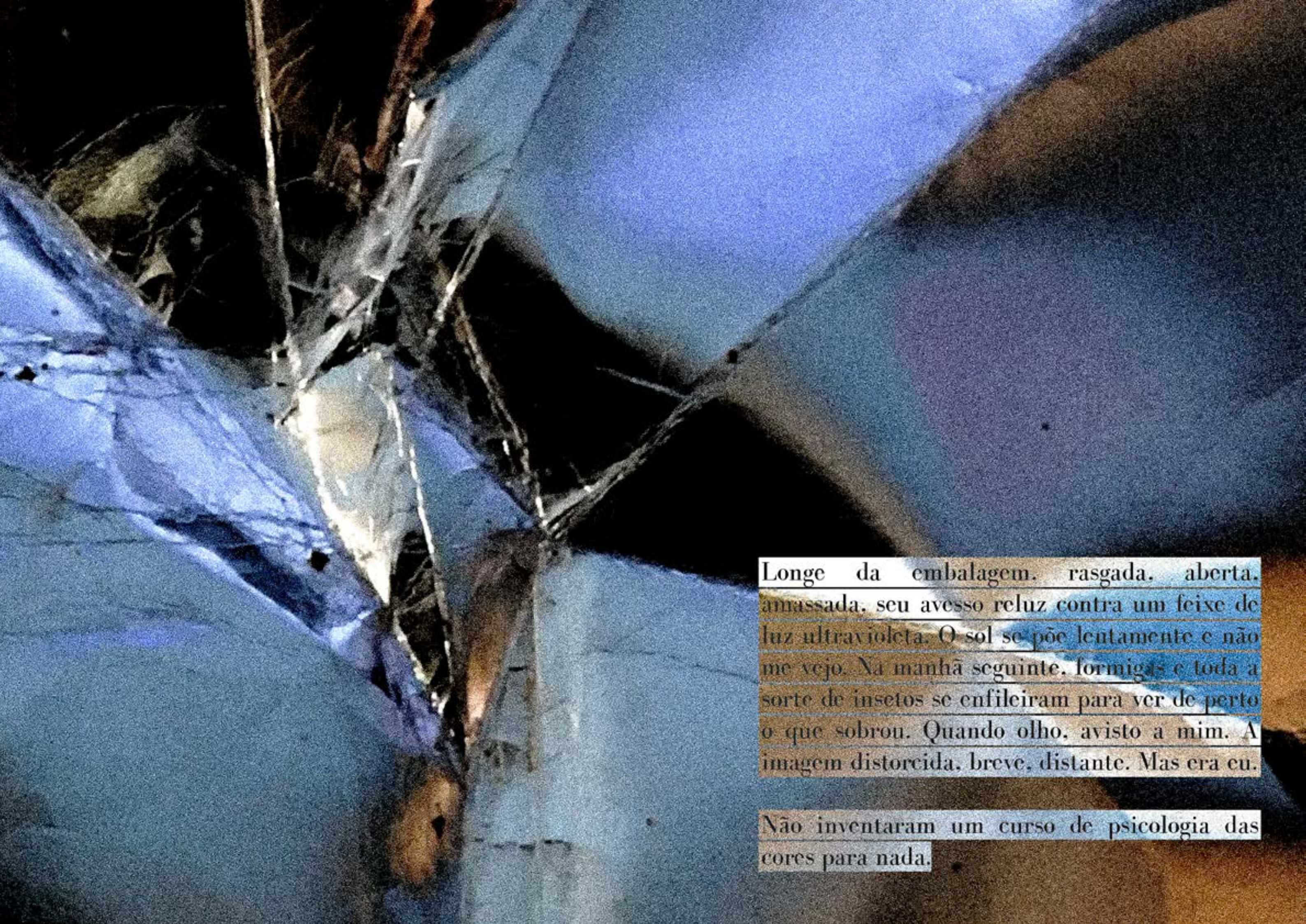
O verso do avesso, nas entrelinhas tortas,
cintila. Como se cores pungentes deixassem à
deriva mensagens veladas de prazer e vida.
Quase como se, em uma prateleira, pudesse
entrever aquela mesma maçã que Adão e Eva
um dia roeram.

Em repouso, o fruto ilumina e esconde seu
prazo de validade. Longe das traças e vermes,
remanesce a espera de sua breve existência. E,
num lampejo, aquele que come pode se ver.



Em meio à pandemia, no hábito obsessivo de higienizar e polir embalagens e tudo aquilo que envolve o produto fim, descobri a mim mesmo em uma embalagem de marmita. No fundo, via meu reflexo quando não havia nada.

Em folhas de alumínio e metal polido, percebo o fruto e o seu pretérito. Enfileirados em prateleiras, evocam seus filhos e antepassados. O movimento da cor, a noção da luz sobre a vitrine, a dor e o prazer no grid. Encontro o objeto, mas não distingo.



Longe da embalagem, rasgada, aberta, amassada, seu avesso reluz contra um feixe de luz ultravioleta. O sol se põe lentamente e não me vejo. Na manhã seguinte, formigas e toda a sorte de insetos se enfileiram para ver de perto o que sobrou. Quando olho, avisto a mim. A imagem distorcida, breve, distante. Mas era eu.

Não inventaram um curso de psicologia das cores para nada.







Começar depois que se começou não é tão mais fácil quanto depois de se ter começado.

Os dias passam, a vida acontece, o mundo se impõe. Não sei se consigo pensar sobre o que pensei antes. Tudo parece tão próximo, mas tão distante. É como se cada começo fosse um novo e interminável começo. Influenciado pela vida, pelo que vivi ou que ainda vou viver. Tragado pelo tempo, pelo sol, pelo botão que caiu da camisa e se alojou numa merda de cachorro.

Penso que feliz é o revisor, o maquinista, o editor, que amarra o caos dos pequenos momentos da construção de algo. Se transforma o todo em pequenas partes, ou as pequenas partes num todo, certamente ordena e dá unidade aquela porção de pequenos começos, meios e interstícios. Entre o gole de café e a garrafa de água, no sussurro da pele seca ou da boca molhada, essa constante iminência de não saber - frente ao se fazer saber.

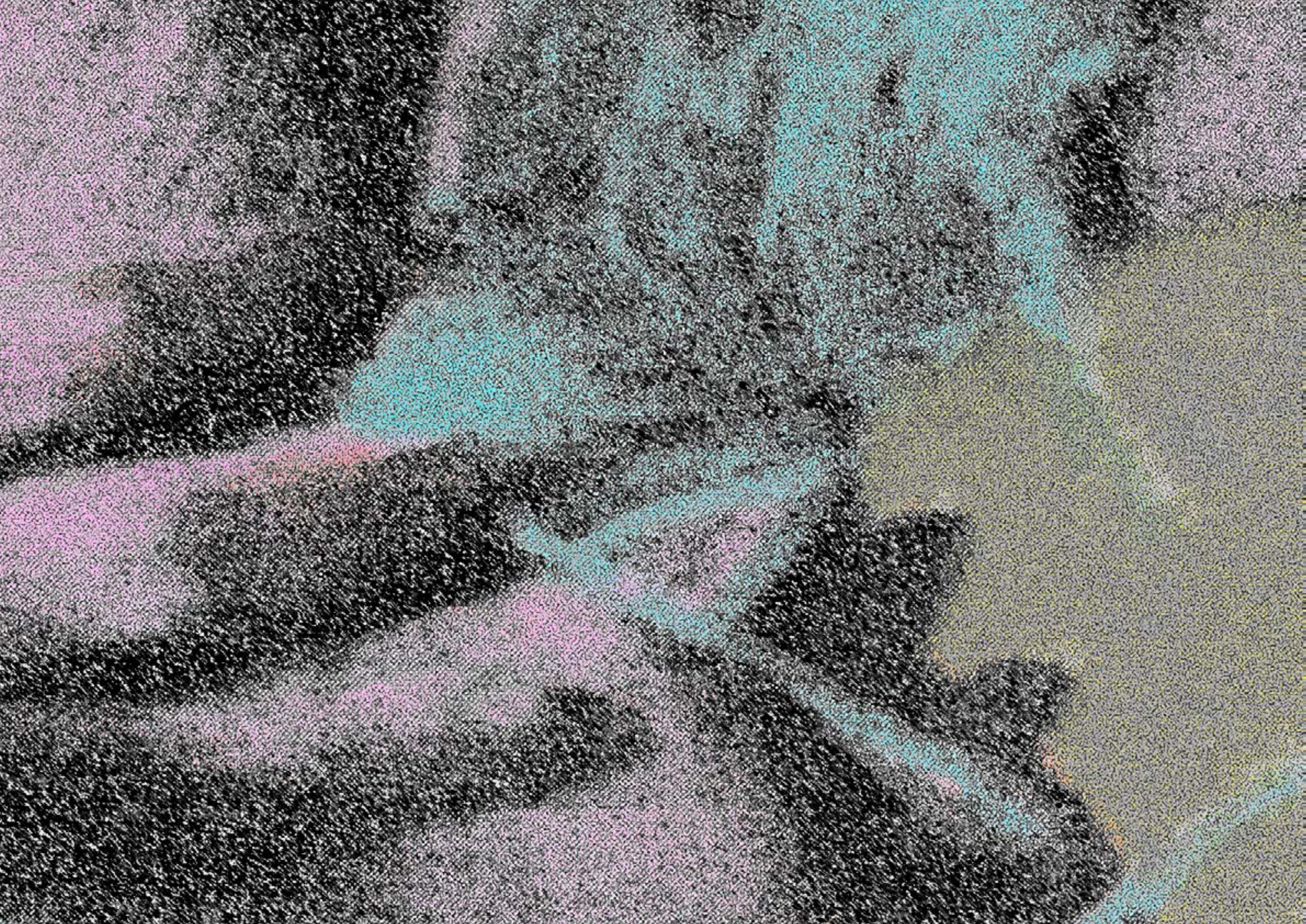
Dia desses me perguntaram se eu tinha algum problema de criatividade. Afinal, onde estão suas obras? O fruto de seu trabalho? Não sei se timidez, se vontade excessiva de construção de algo que eu realmente goste ou o medo e a vontade do erro. Tenho uma lista de trabalhos a serem realizados - muitas possibilidades para o término ou a profissionalização dessa atividade de tentar ser. Mas, diante do medo do desconhecido, vacilo. Postergo o que não gosto e também o que desejo. O fazer se impõe a cada novo começo. E sempre tenho dificuldade de começar. O peso das ideias em constante embate com as coisas da vida parecem convergir para uma série de discussões que antecedem o próprio fazer - que faz com que a obra exista no mundo.

Ora, é uma merda tentar. Sem nenhuma perspectiva de futuro, em embates pouco calorosos com um meio inóspito - que, inevitavelmente, só existe por conta do trabalho. Não sei exatamente o caminho, mas a ausência da possibilidade de continuar me assusta.

E se distante, eu me afastar? E se eu me perder
dos ansios que me construíram até aqui? O
futuro é aterrador. E que merda é não ser

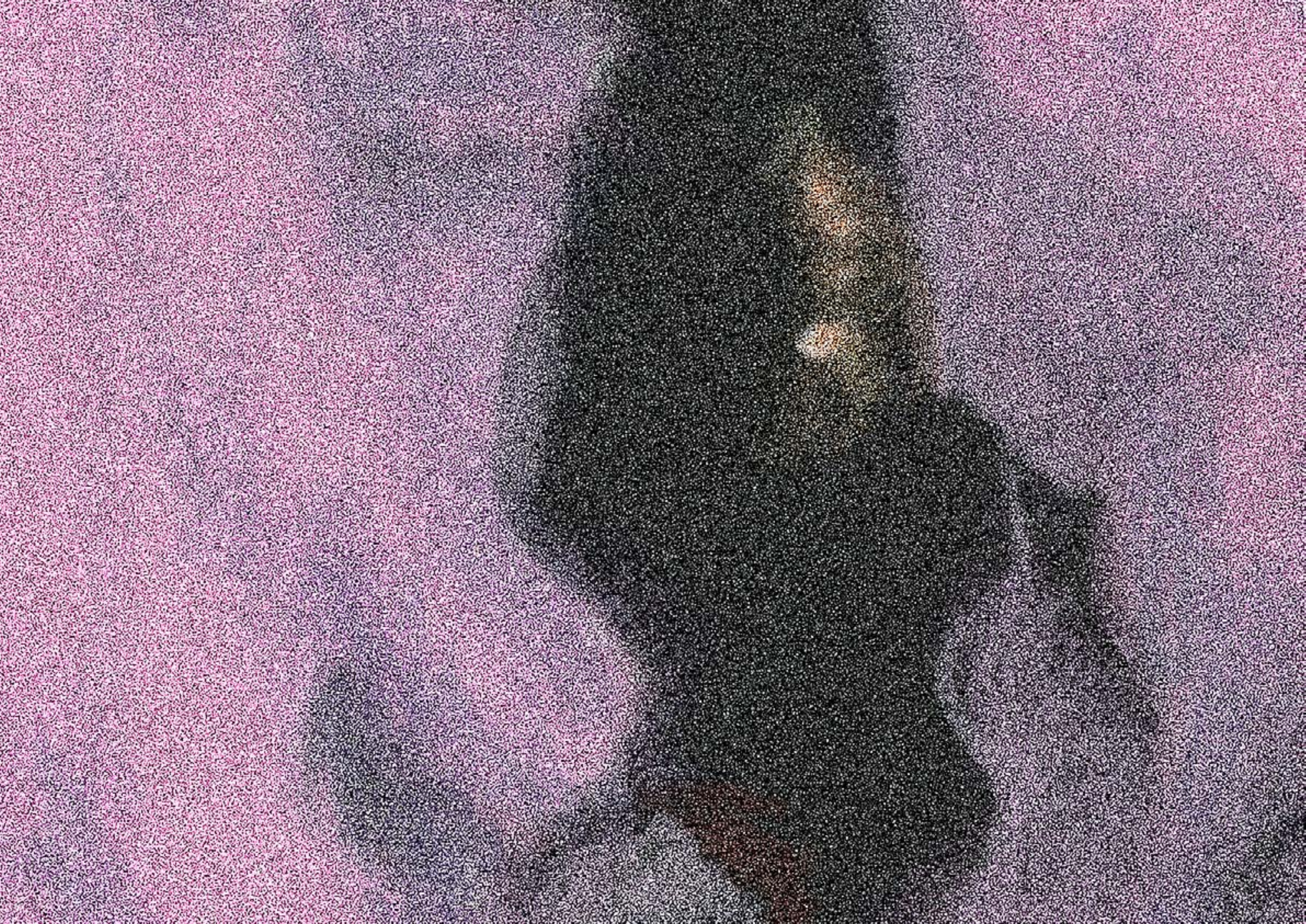
Se penso que foi escrito por um trabalho meu,
dou até uma risadinha.









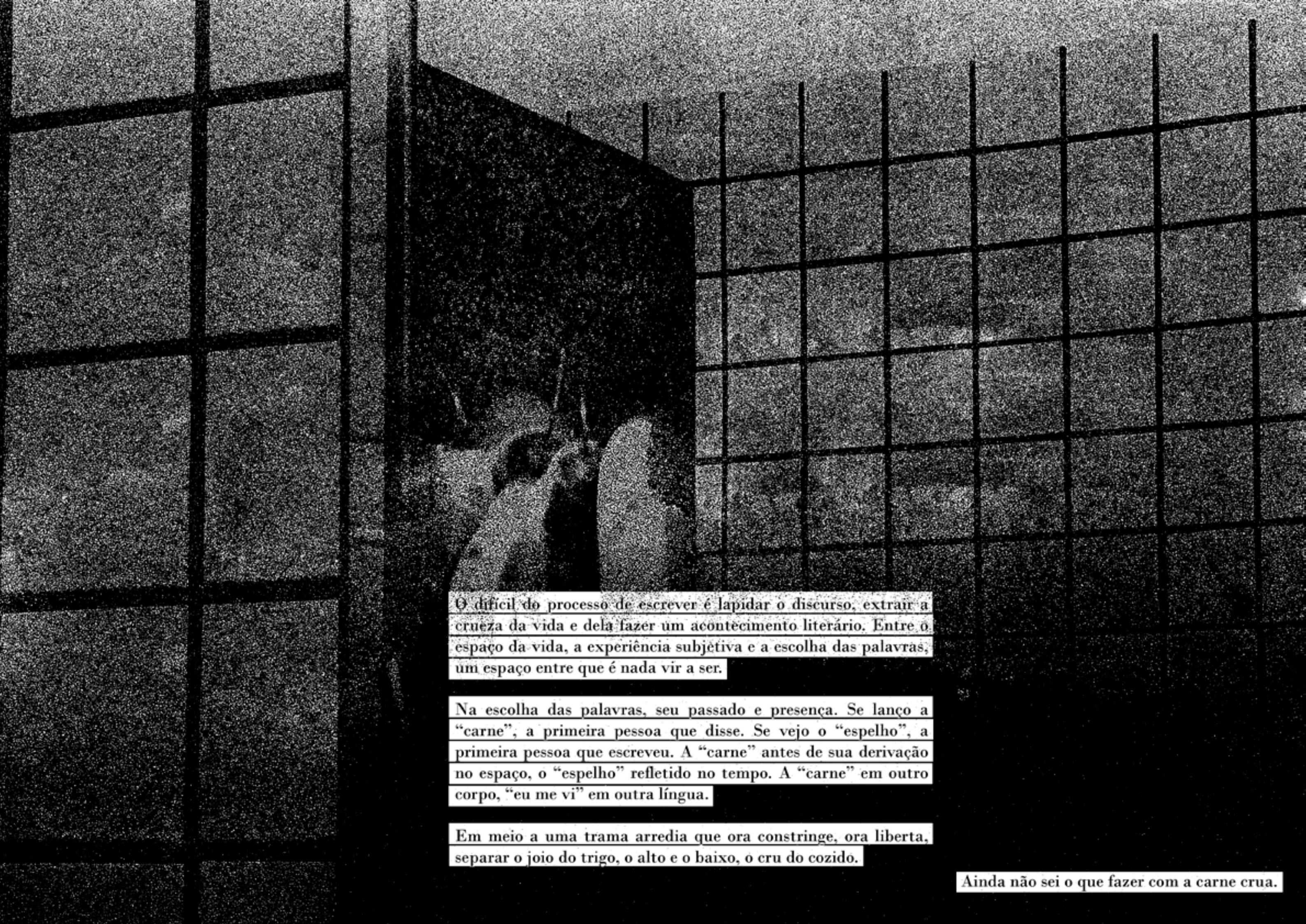


Tem algo entre concluir algo e estar continuamente no mesmo lugar que parece um tanto redundante. Como se, entre o movimento e a não ação, houvesse um interstício, uma zona espaço-temporal que toque suavemente o nada. Um nada que atue como um espaço em potencial e que abrigue a potência de seu vir a ser, cujo intervalo em branco evidencie silêncios e rangidos; como a um alarido de vozes em silêncio, que comungam rumo a um mesmo fim.

A folha do papel em branco que, antes de ser folha, era voz. E que antes de ser branca, era som. Como a fonte, o tipo e a família tipográfica que olha para seu criador e, diante da facilidade das teclas, distante das punções do metal e do peso atribuído à palavra, ganha leveza em seu aparente peso e volume.

Escrevi, simples assim.

E pude deixar o peso de tudo aquilo que foi dito à sua existência imaterial.



O difícil do processo de escrever é lapidar o discurso, extrair a crueza da vida e dela fazer um acontecimento literário. Entre o espaço da vida, a experiência subjetiva e a escolha das palavras, um espaço entre que é nada vir a ser.

Na escolha das palavras, seu passado e presença. Se lanço a “carne”, a primeira pessoa que disse. Se vejo o “espelho”, a primeira pessoa que escreveu. A “carne” antes de sua derivação no espaço, o “espelho” refletido no tempo. A “carne” em outro corpo, “eu me vi” em outra língua.

Em meio a uma trama arredia que ora constringe, ora liberta, separar o joio do trigo, o alto e o baixo, o cru do cozido.

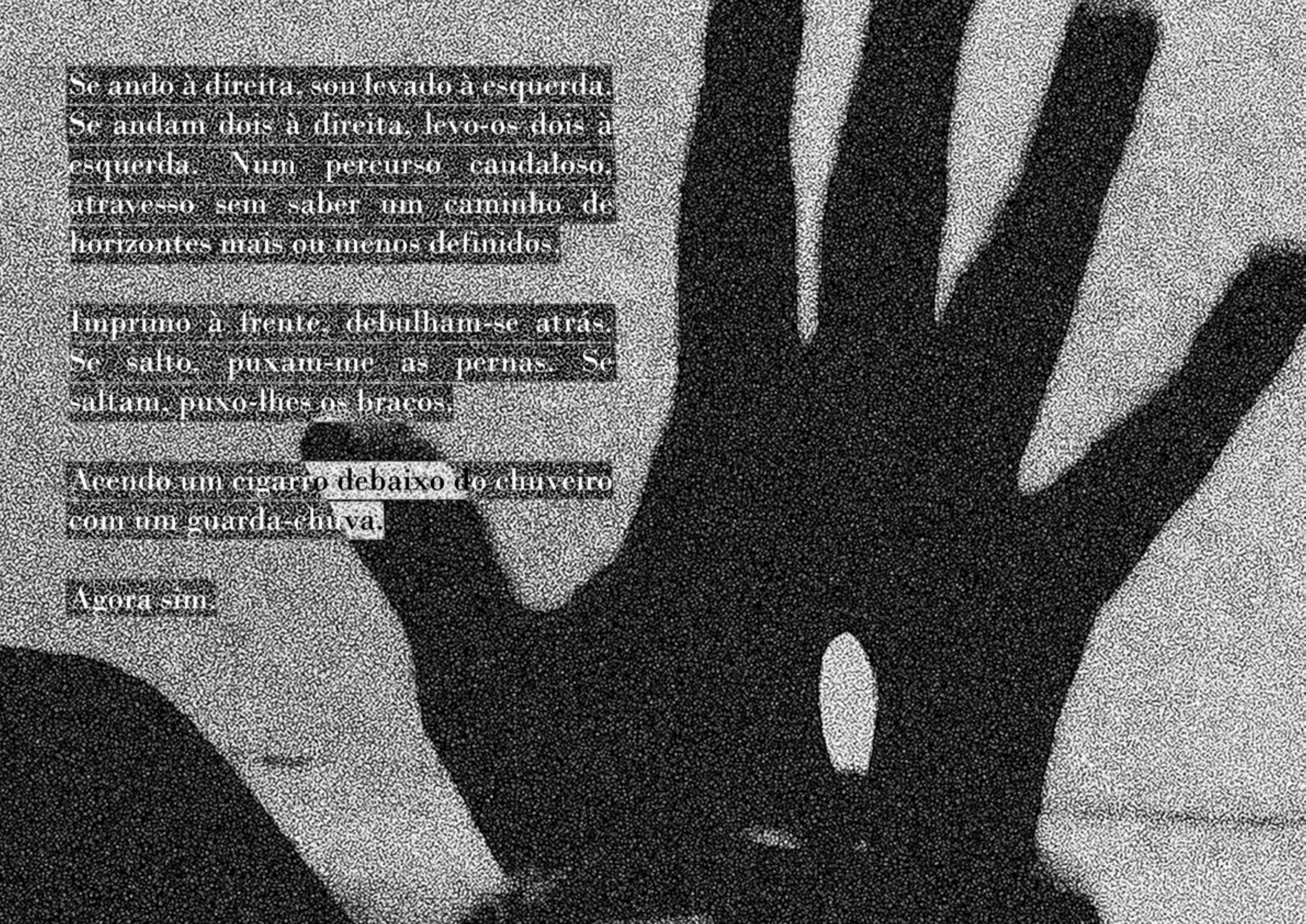
Ainda não sei o que fazer com a carne crua.

Se ando à direita, sou levado à esquerda.
Se andam dois à direita, levo-os dois à
esquerda. Num percurso candaloso,
atravesso sem saber um caminho de
horizontes mais ou menos definidos.

Imprimo à frente, debulham-se atrás.
Se salto, puxam-me as pernas. Se
saltam, puxo-lhes os braços.

Aceendo um cigarro debaixo do chuveiro
com um guarda-chuva.

Agora sim.





Talvez, no processo de aprender a ser, se possa ter a liberdade poética do erro. Em meio à incerteza de ser, um ensaio em vez de uma monografia. Um ensaio aberto pois ainda aprendendo a ensaiar.

REFERÊNCIAS

Water Study, 1930s
Brassaï (Gyula Halász)

Olympia Study, 1862-63
Edouard Manet

Tête de femme, c. 1867
Edouard Manet

Study for "A Bar at the Folies-Bergère", 1882
Edouard Manet

Two butchers, 1635-39
Rembrandt Harmenszoon van Rijn

Study of Eve Offering the Apple to Adam, 1638
Rembrandt Harmenszoon van Rijn

The Hog, 1643
Rembrandt Harmenszoon van Rijn

Study for "Surprise" (Battle of the Tigers), c. 1865
François-Nicolas Chiffart

As bacantes, 2016-17
Teatro Oficina

Satan's desperation, 1816-19
Francisco de Goya

Agradeço a todos que tornaram possível
a realização deste trabalho, aos que
vieram antes de mim e aos que tive o
prazer de conviver.

ALEX AVELINO
ORIENTAÇÃO: LILIANE BENETTI
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

